

Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil

CDD. 20.ed. 136.15
790.1

Rafael Júnio ANDRADE*
Maria Izabel Vieira BOTELHO*
Ana Louise FIÚZA*
Eveline Torres PEREIRA**

*Departamento de
Economia Rural, Uni-
versidade Federal de
Viçosa.

**Departamento de
Educação Física, Uni-
versidade Federal de
Viçosa.

Resumo

Este estudo apresenta um olhar sobre o lazer das mulheres do meio rural no Brasil. Com este intuito foi realizada uma incursão na literatura referente aos estudos do lazer, às etnografias sobre o campesinato e sobre o trabalho feminino no meio rural e a contextualização das discussões sobre gênero. Foram utilizados os dados do Sistema Nacional de Informações de Gênero e da pesquisa Gênero, Trabalho e Família a fim de fundamentarmos nossas observações. Nesta primeira aproximação foi possível concluir que existe um campo de possibilidades diferencial voltado para as oportunidades de lazer para mulheres e homens no meio rural que não se altera de geração para geração. Antes de ser um tempo, ou uma mercadoria a ser adquirida, é vivenciada no cotidiano, entremeada nos afazeres, na relação com a família e com a comunidade.

UNITERMOS: Mulher; Lazer; Meio rural.

Introdução

O lazer representa uma faceta do mundo social e cultural que tem sido crescentemente estudado desde a década de 70 no Brasil. Tomado enquanto um campo de pesquisa e intervenção multidisciplinar, o lazer vem se constituindo enquanto uma importante forma de compreensão das relações sociais e simbólicas da realidade (GOMES & MELO, 2003). É neste sentido, que se procura neste artigo discutir sobre o lazer das mulheres rurais, no Brasil, buscando perceber suas relações com a divisão sexual do trabalho e possíveis modificações ao longo do tempo.

Para operacionalizar este estudo realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre lazer no meio rural e utilizamos como fonte empírica os Indicadores Censitários do Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG) da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres retirados dos dados do IBGE de 2000 e os dados da pesquisa “Gênero, Trabalho e Família” desenvolvido em novembro de 2003 pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ) e o Instituto de Pesquisas Sociais do Rio de Janeiro (IUPERJ) (ARAÚJO & SCALON, 2005).

Na primeira parte apresentamos os trabalhos teóricos sobre o lazer no meio rural. Posteriormente realizamos uma contextualização das discussões sobre o conceito de gênero e desenvolvo a aproximação entre os autores dos Estudos do Lazer no meio rural e os dados estatísticos tanto do IBGE quanto da pesquisa “Gênero, trabalho e família”. No final discutimos as possíveis configurações do lazer no meio rural e apresentamos as minhas considerações finais.

Sobre a tematização do lazer no meio rural

Uma questão tem tantos lados quantos forem os interesses ou inconvenientes em considerá-la. (Carlos Drummond de Andrade, O Avesso das Coisas, 1997).

O lazer atualmente constitui-se enquanto um fenômeno polissêmico tematizado por diferentes ciências ou discursos científicos. Teorizado a partir do aparato conceitual da história, da economia, da sociologia e mesmo da psicologia, o seu desenvolvimento materializa-se pelas inúmeras e

mesmo contraditórias correntes teóricas e científicas destas ciências.

Para MELO (2006) esta peculiaridade transforma o lazer em um objeto de análise multidisciplinar teorizado não enquanto uma disciplina científica, com seus paradigmas e linguagens peculiaridades, mas como, um campo de “Estudos”, aberto ao diálogo entre as ciências e ao tratamento multidisciplinar. Já MELO e ALVES JUNIOR (2003), GOMES e MELO (2003) e WERNECK (2000a), corroboram este posicionamento e argumentam que o lazer, vem sendo o objeto de uma crescente investida teórica e institucional de diferentes áreas de conhecimento, como de abordagens conceituais. Neste sentido não existe somente um olhar sobre o Lazer, mas inúmeros olhares que elaboram conceitualizações e reconstruções históricas diferentes e até mesmo opostas. As construções teóricas sobre o Lazer apresentam uma tendência de compreendê-lo enquanto uma produção da moderna sociedade européia urbano-industrial, constituídas especialmente as alterações advindas da revolução industrial e a revolução francesa.

Para MELO e ALVES JUNIOR (2003), WERNECK (2000b), as civilizações e épocas históricas anteriores, apresentaram modalidades de diversão e de manifestação do lúdico, atreladas a outras esferas como, por exemplo, a religiosa, que conferiram significados singulares ao próprio contexto histórico-cultural. Estas manifestações lúdicas por apresentarem peculiaridades quanto aos seus contextos histórico-culturais, contém similaridades com o lazer contemporâneo, mas não semelhanças diretas. A palavra lazer somente em um determinado momento da história começou a ser utilizada e se configurou dentro do quadro que hoje é concebida.

Esta transformação desenvolveu-se com a ascensão da Modernidade no final do século XVIII, na Europa Ocidental e a implantação do modelo de produção fabril e do trabalho organizado em fábricas, ocorre a artificialização do tempo, ou seja, o tempo de vida diário passa a ser demarcado pela jornada de trabalho. É neste momento que o homem começa a se submeter às máquinas. Com isso, também se artificializa o tempo de trabalho e de não-trabalho e surge o que hoje definimos como lazer (MELO & ALVES JUNIOR, 2003; WERNECK (2000a). A partir deste pressuposto WERNECK (2000a, 2003) e MELO e ALVES JUNIOR (2003) tomam o lazer enquanto um fenômeno tipicamente urbano. Como bem expõe WERNECK

Assim, do nosso ponto de vista o lazer é um fenômeno autônomo e normatizado, gestado

no seio das sociedades urbano-industriais do século XIX. Mas o lazer não se restringe aos centros urbanos e/ou desenvolvidos, sendo uma realidade também perceptível nas chamadas sociedades tradicionais cuja influência dos processos de industrialização, urbanização, desenvolvimento tecnológico e difusão dos meios de comunicação de massa, entre outras possibilidades, é expressiva (2003a, p.36).

O Lazer representa um fenômeno assim inexistente, também, nas sociedades identificadas como tradicionais - sendo que por tradicionais é possível se classificar inúmeras organizações sociais e culturas, como, por exemplo, as relativas ao meio rural, que guardam peculiaridades em relação ao mundo urbano, apesar de estar cada vez mais próximo e conectado a ele. No caso do Brasil, como argumenta MARCELLINO (1990, 1995a, 1995b, 2002a) seria a industrialização o divisor de águas entre a sociedade tradicional brasileira, essencialmente rural e a sociedade moderna e urbana, o fator histórico central responsável pela constituição do lazer. Como o próprio autor expõe

Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações. [...]. Caracteriza-se o binômio lazer/trabalho e, as ações se desenvolvem como na gravação de um filme, onde os 'atores' participam de cenas estanques, sem conhecer a história de seus personagens, cenas essas frequentemente interrompidas para serem retomadas em seqüências totalmente diferenciadas (1995b, p.21, 2002a, p.55).

Com isso o lazer se configuraria como uma problemática tipicamente urbana, apesar de não exclusivamente urbana, visto que o meio rural não está isolado das influências culturais, tecnológicas e econômicas do mundo moderno. DUMAZEDIER (2004) argumenta que o lazer se constitui como um fenômeno das sociedades industriais e pós-industriais, ocorrendo nas sociedades rurais como uma consequência das influências da vida urbana. A percepção do lazer está, assim, atrelada a revoluções estruturais, que afetaram a forma de trabalhar, viver, pensar e agir no mundo.

Esta crença científica implicou na escassa problematização do rural enquanto modo de vida que desenvolve atividades de lazer. Apenas recentemente

esta perspectiva começou a se modificar de forma a receber a atenção de estudiosos da economia e da sociologia rural fundamentados na linha do Novo Rural, embora no campo das ciências sociais que tematizaram o meio rural foram desenvolvidos alguns estudos a partir de preocupações diversas que não o lazer, mas que em sua argumentação tangenciaram este fenômeno enquanto uma realidade importante de compreensão da vida rural. Em todos estes estudos não há uma preocupação com a discussão dos autores dos Estudos do Lazer, para os quais o lazer configura-se como um fenômeno urbano. Entretanto, tais estudos ao tratarem de facetas diversas do meio rural tecem considerações sobre o elemento da cultura e sociedade rural que compreendem enquanto lazer.

Em uma perspectiva sócio-cultural, CANDIDO (1977) ao estudar o modo de vida, as relações de trabalho e a sociabilidade dos parceiros do meio rural do município de Bofete em São Paulo, argumenta que as “atividades lúdico-religiosas” ou a “*margem para o lazer*”, são elementos que contribuem para manter o bairro que é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira. Segundo o autor “Outro elemento de definição da sociabilidade vicinal é a vida lúdico-religiosa - complexo de atividades que transcendem o âmbito familiar, encontrando no bairro a sua unidade básica de manifestação” (CANDIDO, 1977, p.71). O autor argumenta que as atividades lúdicas ou o lazer encontram-se mescladas às inúmeras atividades da cultura caipira, especialmente as festas religiosas, os mutirões e as atividades secundárias, que não a agricultura e a indústria doméstica, ligadas a obtenção da dieta do caipira, que eram a caça e a pesca (CANDIDO, 1977).

Em uma perspectiva histórica e com uma abordagem tipológica FRANCO (1997) ao estudar a velha civilização do café que floresceu no Século XIX, nas áreas do Rio de Janeiro e de São Paulo, pertencentes à região do Vale do Paraíba argumenta que a caça e a pesca, atividades que apresentam, também, uma dimensão lúdica, além da relacionada a obtenção dos meios de sobrevivência, tal como a festa e demais divertimentos, possibilita a encenação de relações antagônicas, violentas, sendo cenário de afirmações de supremacia e destemor, social e culturalmente legitimadas.

Por sua vez, em uma ótica etnográfica e interpretativista, BRANDÃO (1993), ao estudar os agricultores-criadores camponeses, pequenos proprietários sitiante ou arrendatários de terras e seu imaginário social quanto à relação entre os homens e o seu mundo natural, em 1993, aponta a cultura lúdica

ou as manifestações referentes ao lazer como componentes importantes para a compreensão da realidade rural. O autor argumenta que na região estudada, há uma diferenciação pautada em relações de gênero e de geração quanto às atividades de lazer. Neste sentido, o autor observou que é comum entre os homens, o truco, o rodeio e a caçada, além do futebol, que representam uma espécie de experiência individual e coletiva de um “ethos” de afetos e identidades que se imagina qualificar o ‘homem macho’ do passado e sua preservação no presente (BRANDÃO, 1999).

O futebol, por sua vez, é o “lócus” de representação de um determinado estilo de força e violência que diferencia estes camponeses “*dos da cidade*”. Neste sentido as pessoas do meio rural preferem jogar com times do ‘Mato’, que consideram mais ‘civilizados’, ‘mansos’ e ‘respeitosos’ que os times da cidade considerados mais ‘botinudos’. Para as pessoas dos Pretos de Baixo os do ‘Mato’ são inocentes enquanto ‘*os da cidade*’ são maldosos e fazem ‘*malfeito*’ por pura maldade. O futebol representa dessa forma um espaço para a dramatização das assimetrias sociais entre campo e cidade. A virilidade do homem da roça significa honestidade e justiça sendo reconhecida e valorizada, o que é diferente do estilo de força da cidade considerado violento por ser maldoso, ou seja, ‘*botinudo*’.

Em uma perspectiva antropológica, SILVA (2000), ao estudar a sociabilidade dos jovens rurais no Vale do Jequitinhonha, argumenta que o lazer representa uma dimensão dessa sociabilidade que possibilita se exercitar, descobrir aspectos da sexualidade, bem como construir relações de amizade com outros jovens. Esta abertura, segundo a autora, não é harmônica ou mesmo simples, e implica certo tensionamento. Segundo a autora,

se os lazers e as sociabilidades dos jovens são os momentos que deixam abertos espaços para que possam exercitar, descobrir sua sexualidade e fazer novas amizades, também podem se estranhar. Quando estão expostos em espaços públicos, como na praça da Matriz ou em frente do trailer significa que se trata de um grupo seletivo de amigos e, cujos segredos, conversas informais não são abertos para qualquer pessoa (2000, p.88).

Dentro de uma perspectiva sociológica e compreensiva, STROPASOLAS (2004) ao estudar as representações sociais de casamento e de famílias de jovens do meio rural do oeste de Santa Catarina, identifica as práticas e as representações de lazer enquanto esferas reconhecidas e valorizadas para a

reprodução simbólica e econômica destes atores no mundo rural, sendo as relações de gênero, elementos constituintes fundamentais dessas representações e práticas de lazer.

STROPASOLAS (2004) argumenta que o fenômeno da masculinização do meio rural e do celibato masculino, apresenta como uma de suas causas a estrutura familiar tradicional, que não possibilita às mulheres depois de casadas acesso dentre outros direitos, a atividades de lazer, de forma igualitária no espaço público, enquanto no caso dos homens ocorre a situação inversa. Um exemplo marcante dessa situação é quanto ao futebol e que é bem materializado na seguinte fala de uma das entrevistadas

ele vai jogar futebol, que é o gosto dele mas que não é o gosto da mulher. A mulher tem outros planos, ela gosta de outras coisas. Eu até tava falando estes dias, às vezes, a gente, no caso, se sacrifica para ir lá num jogo de futebol. Tudo bem, vamos juntos, tal. Mas agora chega uma hora que sacrifica você também no caso, vai se sacrificar também se você não gosta de matinhê. Tem a comida que eu gosto, só que às vezes não acontece isso, este que é o problema também (moça de linha Pinheiro Alto) (STROPASOLAS, 2004, p.261).

Já o trabalho VIANA (2003), fundamentado na sociologia e tendo como objeto as condições de vida feminina no território de Apodi, localizado no semi-árido nordestino, do Rio Grande do Norte, argumenta que o lazer como importante faceta da vida feminina é vivenciado de forma desigual pela mulheres. A autora argumenta que

Se numa sociedade altamente marcada por relações de desigualdade como a nossa, as opções de lazer já são extremamente reduzidas, imaginemos a situação específica das mulheres no meio rural que, além das contradições de classe, raça e etnia e da heterossexualidade obrigatória, encaram as desigualdades de gênero (2003, p.11).

No campo do Lazer são notáveis duas formas de abordagens do lazer no meio rural. A primeira são os trabalhos, amparados especialmente com o crescimento dos estudos sobre o Novo Rural, que tratam do turismo rural e das modalidades de práticas atreladas ao mesmo, que tem como ponto central a possibilidade do meio rural como local de produção de atividades de lazer para as pessoas da cidade. A segunda e também a mais escassa se refere ao estudo das representações sociais dos agentes realmente ligados ao meio rural.

Neste primeiro grupo os estudos se referem ao lazer a partir das possibilidades de um mercado de atividades

no meio rural para as pessoas que vivem nos grandes centros ou nas cidades. Para estes autores o meio rural brasileiro constitui-se enquanto espaço ambiental e cultural de enorme potencialidade e importância turística. PIMENTEL (2003) problematiza o meio rural como *lôcus de intervenção e pesquisa*, a partir do turismo. Esta problematização apreende a atividade turística em dois tipos: 1) como turismo no espaço rural; 2) como turismo rural. O turismo no espaço rural corresponde às atividades de lazer desenvolvidas no meio rural, mas que não apresentam identificação com a cultura local: SPA's e parques temáticos. Já o segundo grupo corresponde ao grupo de atividades turísticas mais interligadas ao modo de produção agropecuário e aos recursos naturais e à própria cultura local. Neste caso, encontram-se os esportes de aventura, os *pesque-pague*, as festas "country", os hotéis-fazendas, o agroturismo (PIMENTEL, 2003). Para autores como CAMPANHOLA e SILVA (2002), o agroturismo constitui-se em atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares as atividades agrícolas, que continuam fazendo parte do cotidiano da propriedade em graus de importância variados (CAMPANHOLA & SILVA, 2002). Nestas abordagens o lazer é representado enquanto uma atividade produtiva para as pessoas do meio rural e enquanto lazer em si para as pessoas dos grandes centros e das cidades (CAMPANHOLA & SILVA, 2002; PIMENTEL, 2003). Como coloca CAMPANHOLA e SILVA (2002), no caso do agroturismo, "por representar uma atividade adicional na propriedade rural, é, do ponto de vista das políticas públicas, um *job marker*¹, ou seja, cria novas fontes de emprego e renda nas áreas rurais" (p.7).

Já entre os estudos de lazer que enfocam as representações sociais dos agentes realmente ligados ao meio rural, há os estudos de MARIN (1996), PIMENTEL (1999, 2000, 2002) e PIRES (2001). MARIN teve como objeto de estudo as relações entre o trabalho e a diversão de colonas moradoras na comunidade rural de Vale Vêneto no Rio Grande do Sul. PIMENTEL (1999, 2000, 2002) por sua vez, tratou a natureza do jogo conhecimento como *laço de boi* e configuração da festa atrelada ao mesmo, enquanto formas de lazer do meio rural do Noroeste fluminense e o Sul capixaba, regiões em que este jogo e festa acontecem. Já PIRES (2001) preocupou-se com o lazer e o tempo livre de mulheres bóias-frias no Estado do Rio de Janeiro. Estes três estudos procuram em suas especificidades e escolhas teórico-metodológicas compreender as representações sociais referentes ao lazer dos sujeitos que vivem no meio rural.

O estudo de MARIN (1996) das colonas do RS é um dos poucos com recorte de gênero. A autora argumenta que a diversão está associada ao trabalho,

portanto, presente na lida diária destas mulheres, bem como nos momentos que excedem a rotina doméstica. Para as colonas diversão e trabalho constituem um todo que é a própria vida das colonas. Segundo MARIN,

O trabalho, enquanto manifestação constituinte da vida adquire conotação de auto-realização. E a diversão, amiúde de caráter religioso-católico, apresenta-se relacionada ao todo social. Está integrada em suas vidas. Antes de ser um tempo, ou uma mercadoria a ser adquirida, é vivenciada no cotidiano, entremeada nos afazeres, na relação com a família e com a comunidade (1996, p.133-4).

Neste sentido, a autora fundamenta sua crítica ao entendimento do lazer como objeto estritamente urbano e problematiza a necessidade de compreender as relações que se estabelecem em locais e culturas específicas. Por isso a autora trabalha com o conceito de diversão e não de lazer. MARIN (1996) também demonstra como nesta comunidade as contradições sociais constituintes são responsáveis pela vivência diferenciada das possibilidades de diversão, para homens e mulheres e para as diferentes idades. As relações de gênero e de geração, assim, são elementos importantes para a compreensão da realidade rural e suas manifestações de diversão.

MARIN (1996), assim, nos possibilita refletir sobre a vida das colonas e como a diversão e o trabalho constituintes desse modo de vida se inter-relacionam e evidencia as modalidades de vivência do lúdico ou mesmo do lazer no meio rural e as representações sociais de dominação de masculina e de hierarquia, que podem ter se transformado em representações sociais incorporado pelos próprios sujeitos históricos relativo à dominação, muitas vezes imperceptível ao próprio pesquisador (CARNEIRO, 2001; PAULILO, 2004).

Já PIMENTEL (1999, 2000, 2002) também problematiza o conceito de lazer como produto restrito da administração científica e do controle completo de todas as tarefas produtivas e tempos necessários para as mesmas. O autor ao estudar a festa e o jogo do *laço de boi* chama a atenção para o fato de que as representações sociais e as ações motrizes dos participantes expressam a realidade rural vivida por esta população. Neste sentido, Pimentel também percebe que as relações de gênero e de geração são elementos importantes, mas sua análise se centra na excitação que o jogo e a festa proporcionam aos atores envolvidos e em como esta excitação representa a vida e a lida dos homens no campo. Para o autor, o laço de boi dramatiza as ações diárias do trabalhador pastoril e também uma forma de lazer que apresenta uma dimensão de reciprocidade importante. Segundo o autor, para muitos laçadores participar da festa/jogo representava emoção e também, uma obrigação para com as amigadas (PIMENTEL, 1999, 2000, 2002).

PIRES (2001), por sua vez, em uma abordagem marxista procurou compreender o tempo livre e o lazer de mulheres bóias-frias no Estado do Rio de Janeiro. A partir das representações sociais de lazer e tempo livre, o autor procurou compreender como a globalização e a exclusão social são construídas na e pela subjetividade das bóias-frias. Para PIRES (2001), o lazer das bóias-frias é fortemente influenciado pela divisão sexual do trabalho. Neste sentido o lazer é representado enquanto uma prática social, da qual as mulheres encontram-se excluídas. Já o tempo livre é representado como o *Tempo do Devaneio*, um tempo marcado pela busca da felicidade praticada no cotidiano, seja no trajeto para o trabalho, seja no trajeto para a casa de amigas.

Contextualizando as discussões sobre gênero e refletindo a relação trabalho doméstico e lazer no meio rural

O termo gênero representa uma construção cultural central nos estudos e no movimento feminista, mesmo que nas últimas três décadas tenha se tornado ubíquo e ambíguo (STOLKE, 2004).

No campo dos condicionantes sociais os elementos centrais para a história do termo gênero são: a própria crise das ciências sociais; a volta dos homens da 2ª Guerra e da guerra do Vietnã e re-colocação das mulheres em postos de trabalhos desvalorizados; a ascensão da luta racial; a

descolonização dos países do Terceiro Mundo e a valorização das diversas identidades e os movimentos de contracultura e estudantil. Neste sentido ocorreu uma modificação no pensamento ocidental com a crítica e a politização da ciência juntamente com a forma de organização dos movimentos sociais que baseavam sua luta, principalmente, na esfera do trabalho e que a partir de 1970 passaram a ter a esfera da liberdade de identidade cultural o seu eixo de organização (STOLKE, 2004).

O termo gênero foi no decorrer de sua história constantemente re-significado a partir de diversas discussões, muitas das quais advindas do próprio movimento feminista caracterizado por desigualdades e desacordos quanto às diferentes experiências vividas entre as mulheres. Com isso a própria história do termo se apresentou através de rupturas e continuidades (STOLKE, 2004).

Este termo surgiu no campo da psicologia e sexologia norte-americana com o tratamento dos transexuais e intersexos nos anos 50. "Gender" significava o sexo social, sendo o oposto do sexo anatômico o que representou um avanço para as discussões da área, pois considerava as influências da cultura e da sociedade. Ele, contudo apenas aceitava a existência de dois tipos de sexos normais e reduziu assim as diferenças ao paradigma da dualidade heterossexual (STOLKE, 2004).

Já nos anos 30 e 40 Simone de Beauvoir e Margaret Mead criticavam a concepção biologicista de gênero concebendo-o enquanto uma construção social específica a cada sociedade. Foi nos anos 60 que esta crítica ganhou espaço com a formação e a internacionalização do movimento feminista. Neste momento a questão central passa a ser por que da importância do termo gênero. Em finais dos anos 60, dessa forma as autoras inglesas Ketty Millet e Germaine Greer contribuem com a politização dos estudos feministas e a separação clara entre gênero e sexo se apropriando do termo "gender" dos estudos psicologia e da bio-medicina. Segundo estas autoras a categoria gênero possibilitava compreender as desigualdades de poder entre homens e mulheres. Elas, entretanto, têm suas análises limitadas, já que reafirmam a existência de somente dois tipos de gênero e de ser o sexo um fato estritamente biológico (STOLKE, 2004).

Já em fins dos anos 70 e início dos anos 80 a discussão sobre gênero se fundamenta na problematização da dicotomia natureza/cultura e, por conseguinte sexo/gênero. É neste contexto que aparecem as discussões das autoras Ann Oakley, Gayle Rubin e Marilyn Strathern. A primeira defendendo que o gênero seria uma categoria universal construída com base no sexo, mas com cada cultura apresentando uma forma específica quanto a esta construção. Oakley, apesar de relativizar o termo gênero, de acordo com o seu contexto cultural, permanece atrelada ao dualismo sexual heterossexual, pois toma somente duas formas de gênero como possíveis. Já Rubin critica o universalismo das teorias de parentesco e da

psicanálise e compreende a relação sexo/gênero como um conjunto de dispositivos sócio-culturais relacionais, especialmente os sistemas de parentesco que toma a heterossexualidade como normalidade. É ela que introduz o tema da sexualidade que será trabalhado pelo pensamento feminista nos anos 80. Ainda nos anos 70 Marilyn Strathern contribui com a sua teoria do gênero enquanto sistema simbólico, tendo como ponto de análise o jogo de classificações e distinções simbólicas. Sua perspectiva, contudo, desconsidera o próprio corpo e o sexo, como também as relações de poder e desigualdade que entram no pensamento feminista a partir da constituição e denúncias do movimento feminista negro nos Estados Unidos. Com este movimento passa a ser discutido as interseções entre gênero, etnia e classe social, que não foram abordados nos estudos anteriores e com isso implementam novas questões acerca das ideologias biológicas e raciais e as estruturas de poder (STOLKE, 2004).

É nos fins dos anos 80 que a discussão passa a problematizar a historicidade do termo gênero. Yanagisako e Collier, em fins dos anos 80 problematizaram as raízes biológicas do termo gênero e com isso criticam qualquer tipo de essencialismo natural e a-histórico. A análise destas autoras, entretanto, permanece atrelada ao dualismo sexual biológico, sendo criticada por McDonald que contribui defendendo que todas as teorias sobre sexo/gênero são concepções sócio-políticas históricas (STOLKE, 2004).

Por sua vez, nos anos 90 que se configura a crítica pós-moderna que coloca em dúvida a própria ciência e o pensamento ocidental e, é nesta linha que as autoras Shelly Errington e Fox-Keller criticam o modelo de ciência positivista que toma o sexo como natural e universal e problematizam o conceito de neutralidade científica. Fox-Keller também critica o relativismo ingênuo das teorias feministas anteriores quanto ao sexo, pois a natureza existe e precisa ser considerada. É nesta linha que Donna Haraway complementa o pensamento de Fox-Keller afirmando que todo tipo de conhecimento é parcial e historicamente situado (HARAWAY, 2004). Apesar dessa contribuição, nos anos 90, foi com a pesquisadora Judith Butler que se concretizou a virada mais radical nos estudos feministas. Apoiando-se em Foucault esta autora propôs a teoria performativa que tem o gênero enquanto um discurso, e como tal dinâmico, sendo o sexo um efeito deste gênero. Butler, todavia, não se atenta para as circunstâncias sócio-políticas que impedem as pessoas de subverterem a norma heterossexual (STOLKE, 2004).

Com tudo, é possível apontar que a discussão sobre gênero continua aberta, pois os próprios avanços da biotecnologia, por exemplo, colocam novas problemáticas. Nesta direção, a problematização das questões sobre gênero não devem ter somente como pergunta central a forma como se relacionam o sexo, o gênero e a sexualidade, mas principalmente, em que circunstâncias históricas e em qual sentido estas diferenças engendram desigualdades de valor e de gênero (STOLKE, 2004).

É neste sentido que ao tomarmos o tempo de lazer como símbolo social, que organiza a vida das pessoas, percebemos que para as mulheres do meio rural, que não apresentam uma ocupação no mercado de trabalho suas possibilidades de vivência são extremamente reduzidas em comparação com os homens. A situação de não trabalhar fora de casa, poderia gerar a impressão de que há um horizonte mais amplo de tempo de lazer para estas mulheres, isto, contudo, não é o que acontece (TABELA 1).

O trabalho doméstico dentro do contexto sócio-histórico do rural brasileiro é produzido, segundo PAULILO (2004) enquanto um espaço de responsabilidade feminina. No meio rural as relações de trabalho apresentam um recorte marcadamente de gênero, em que às mulheres são atribuídos os afazeres considerados 'leves', enquanto aos homens os afazeres considerados 'pesados'.

TABELA 1 - Percentual de atividade e não atividade remunerada, realizada fora do espaço doméstico, por mulheres do meio rural e urbano de 10 a 59 anos de idade (%).

Faixa etária	Mulheres ocupadas		Mulheres não ocupadas	
	Brasil rural	Brasil urbano	Brasil rural	Brasil urbano
De 10 a 15 anos	12,2	8,7	87,8	91,3
De 16 a 17 anos	30,1	38,8	69,9	61,2
De 18 a 24 anos	40,1	62,0	59,9	38,0
De 25 a 49 anos	46,8	64,0	53,2	36,0
De 50 a 59 anos	38,7	39,1	61,3	60,9
Média	33,5	42,5	66,4	57,4

Fonte: Sistema Nacional de Informações de Gênero.

Com isso as mulheres são representadas, sócio-culturalmente, como os atores responsáveis pelas atividades ligadas a reprodução sexual e familiar e os homens pelas atividades agrícolas compreendidas como responsáveis pela sobrevivência econômica e social da família (CARNEIRO, 2001).

A partir destas representações as mulheres, mesmo não trabalhando fora de casa, são socialmente impelidas a desenvolverem as atividades de cuidado da casa e dos filhos que tomam quase todo o tempo diário, inclusive, nos finais de semana, como pode ser observado nos dados da TABELA 2 que agregam os domicílios do meio urbano e rural.

TABELA 2 - Percentagem das atividades que compõem o final de semana dos homens e mulheres no Brasil.

Sexo	Resposta	A	B	C	D	E	F	G
Feminino	Frequentemente	38,9	17,0	16,0	24,4	59,1	34,2	38,7
	Quase Sempre	17,6	11,0	13,0	13,2	17,2	13,3	18,1
	Às vezes	22,9	33,5	29,1	28,9	12,1	20,0	20,9
	Raramente	17,1	30,6	30,8	20,7	7,7	19,8	14,6
	Nunca	3,5	7,9	11,1	12,8	3,9	12,7	7,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	N	1.006	1.010	1.008	823	1.008	1.003	1.005
Masculino	Frequentemente	38,9	15,2	24,2	17,9	19,0	21,9	31,1
	Quase Sempre	17,6	11,1	17,5	13,0	9,0	15,1	16,7
	Às vezes	22,9	34,0	27,0	25,9	21,0	26,3	22,4
	Raramente	17,1	32,4	24,3	24,4	23,3	24,1	16,5
	Nunca	3,5	7,3	7,0	18,9	27,7	12,6	13,3
	Total	100	100	100	100	100	100	100
	N	979	979	976	814	974	976	970
Total geral N		2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000

A - Você fica em casa vendo TV no final de semana?
B - Você visita parentes no final de semana?
C - Você encontra amigos no final de semana?
D - Você passeia com os filhos no final de semana?
E - Você arruma a casa no final de semana?
F - Você faz consertos domésticos no final de semana?
G - Você faz compras para casa no final de semana?

Fonte: ARAUJO e SCALON (2005).

As mulheres, como demonstra a TABELA 2 apresentam como atividade de lazer mais acentuada, com 24,4%, a possibilidade de passeio com filhos, que lhe permite a vivência do lazer no ambiente público, mesmo que seja na casa de um vizinho ou parente. Suas possibilidades de lazer estão sempre condicionadas ao que é compatível com seu papel de mãe, esposa e filha, diferentemente dos homens que majoritariamente tem nos encontros com seus amigos, categoria (C), sua segunda maior possibilidade de lazer, com 24,2%. Às mulheres do meio rural resta as possibilidades de descanso mediante o tempo que sobra das tarefas relacionadas a arrumação da casa, que representam 59,1% do tempo despendido por elas nos finais de semana. Mesmo que se argumente que o cuidado com a casa,

envolvendo pequenos trabalhos com a horta, o quintal, apresente um conteúdo de prazer, é marcante e acentuado o caráter obrigatório destas atividades e, portanto, a ausência de escolha entre realizar ou não estas atividades.

A principal possibilidade de lazer para as mulheres acaba sendo assim o ambiente doméstico e a utilização da TV. Já os homens podem ainda que minimamente escolher entre assistir TV, ou sair para conversar com os amigos, ou realizar outras atividades sem terem a responsabilidade de dividir este momento com os cuidados das crianças ou ter que atender às vontades de suas companheiras. A TABELA 3 apresenta dados relativos a forma como são decididas as atividades do final de semana por parte de homens e mulheres.

TABELA 3 - Percentagem das modalidades de poder de decisão na família quanto às atividades a serem desenvolvidas no final de semana.

Sexo		Resposta	A	B	C
Feminino		Geralmente eu	24,6	19,9	20,4
		Geralmente meu esposo	11,3	13,1	17,3
		Às vezes um ou outro	20,4	17,8	14,5
		Nós decidimos juntos	43,5	49,3	46,5
		Outra pessoa decide	0,2	-	1,2
		Total	100,0	100,0	100,0
N			529	544	565
Masculino		Geralmente eu	14,8	12,5	21,8
		Geralmente minha esposa	10,5	11,6	12,7
		Às vezes um ou outro	18,2	19,8	13,6
		Nós decidimos juntos	56,3	56,0	50,9
		Outra pessoa decide	0,2	0,2	0,9
		Total	100	100	100
N			512	536	550
Total geral N			1.041	1.080	1.115

A - Quem decide como educar os filhos?
B - Quem decide as atividades de fim de semana?
C - Quem decide comprar as coisas grandes para casa?

Fonte: ARAUJO e SCALON (2005).

No caso das escolhas quanto às atividades de fim de semana de acordo com o “ethos” camponês cabe ao homem decidir sobre as atividades da família, especialmente, quanto à esfera pública. As mulheres acabam tendo suas possibilidades restritas às possibilidades do espaço doméstico. VIANA (2003) verificou em seu estudo que as atividades de lazer vivenciadas pelas mulheres foram 55% ocupadas pela televisão, 20% por atividades religiosas, 6% por festas e 2% por sair com amigas e amigos. Dentro do imaginário camponês as representações de tempo e atividades de lazer para as mulheres se pautam no

fato de que o lazer feminino se encontra circunscrito ao espaço doméstico ou mesmo quando for desenvolvido no espaço público, deve acontecer através de atividades consideradas próximas da tranquilidade, do baixo nível de periculosidade e imprevisibilidade, como as atividades de passear com os filhos, visitar parentes e a participação em atividades religiosas (BRANDÃO, 1999; ELIAS & DUNNING, 1992; PIMENTEL, 1999). Para os homens no meio rural as representações de lazer estariam no campo de atividades e significados oposto, como o sair de casa para conversar com os amigos e o jogar

futebol que apresentariam um alto grau de agitação emocional e imprevisibilidade e, até mesmo violência, como, por exemplo, na prática esportiva (BRANDÃO, 1999; ELIAS & DUNNING, 1992; PIMENTEL, 1999).

Como demonstra PIMENTEL (1999) em seu estudo sobre o *jogo de laço*, enquanto espaço de lazer, o *jogo do laço* se constitui como um “lócus” privilegiado para a elaboração e afirmação de representações do ser homem e mulher no meio rural. O *laço*, atividade cultural desenvolvida nos rodeios é representado enquanto uma afirmação da identidade do homem do campo. “O laço evoca a vida rural, de forma a dar verossimilhança à revivescência” (PIMENTEL, 1999, p.90). O laço enquanto metalinguagem da vida rural é o espaço da vivência da imprevisibilidade, da periculosidade e das emoções no ambiente externo que são consideradas masculinas².

Quando questionado sobre o que significa esse momento de laçar respondem: *Emoção*, dizem todos eles. É isto que todos eles dizem sentir. Através da experiência diária na lide do campo, o pecuarista vivencia uma gama de ações motrizes e acontecimentos naturais que lhe permite fabricar uma estrutura de sentimento peculiar, por um processo de significações subjetivo, social e cultural. E uma vez denso de significados, o pacto de sedução do jogo prescinde da necessidade de inteligibilidade desse sentimento exaltante, ordinariamente denominado emoção entre os lançadores (p.47)³.

Considerações finais

As colocações aqui expostas representam uma primeira possibilidade de aproximação entre o lazer e a mulher do meio rural. Procuramos discutir os dados macro-sociais juntamente com estudos micro-sociais e culturais representados por estudos de caso em diferentes regiões do país com o intuito de captar além da lógica geral, as possíveis especificidades. A partir disso foi possível retirar algumas conclusões provisórias sobre o lazer feminino no meio rural.

A primeira é o fato de que o meio rural apresenta um taxa de mulheres ‘Do lar’ superior ao meio urbano que está relacionada, dentre outros fatores à moral camponesa e as significações diferenciadas atribuídas aos gêneros. Esta lógica por sua vez é complementar, mas não harmoniosa e igualitária, especialmente no campo do lazer, pois restringe as possibilidades femininas à esfera doméstica, o que atualmente vem gerando modificações

Já as mulheres estariam inseridas na lógica do rodeio como expectadoras acompanhadas ou, principalmente, na busca por um companheiro. A participação feminina na prática do Jogo do Laço é restrita a pouquíssimas mulheres que na maioria das vezes apresentam uma história social diferente das demais mulheres do campo. A única mulher encontrada por Pimentel neste estudo deixou de participar do Jogo quando se casou (PIMENTEL, 1999). Uma vez que, o *laço* apresenta riscos não é recomendável a participação feminina nesta atividade, para não infringir riscos à “frágil” conformação corporal da mulher. Contudo, a representação fundamental para a não participação da mulher nesta atividade vincula-se ao fato da mesma fugir ao *texto* sobre a vida rural, na qual o homem é identificado com o trabalho externo e a mulher com a vida doméstica e “tranquila” da figura da mãe e companheira.

Podemos perceber através deste exemplo que o lazer constitui-se enquanto um símbolo social estruturante de identidades de gênero no meio rural, especialmente, quanto à constituição de um autocontrole mais rígido exigido das mulheres na vivência do lazer. Para os homens o lazer possibilitaria a formação de uma identidade de gênero marcada pela necessidade de demonstrar certo nível de violência através de contextos e momento específicos, como nas conversas e prosas com os amigos, e, especialmente no futebol.

e reivindicações por mudanças, como foi observado por Strapasolas no oeste de Santa Catarina.

Em segundo lugar, a situação de ‘Do lar’ dificulta a possibilidade de formas de lazer, especialmente aquelas relativas à esfera pública, como participar de uma festa, ou mesmo sair individualmente com os (as) amigos (as). A partir dos dados secundários utilizados é possível inferir que as mulheres se encontram em uma situação de desigualdade frente às possibilidades de lazer, especialmente na esfera pública que é representada enquanto arena prioritariamente masculina quanto ao lazer.

As mulheres além de desenvolverem atividades domésticas durante a semana, inclusive aos sábados e domingos, apresentam possibilidades de lazer restritas à casa ou quanto à esfera pública sob a condição de acompanhadas pelo marido ou pelas

crianças. Dificilmente elas podem se dedicar a práticas de lazer para si mesmas, “livre” das limitações decorrentes da obediência às normas de caráter de dominação patriarcal. O lazer se configura, assim, enquanto elemento estruturado em correspondência com a afirmação dos papéis de mulher e homem no meio rural, no qual a mulher é educada e se auto-educa para atividades que não coloquem em risco sua constituição física ou emocional, como, por exemplo, sair com filhos e visitar parentes. No caso dos homens a situação é diferente. Eles procuram no lazer possibilidades de exercitar essa excitação das emoções até níveis elevados, procurando através dele afirmar sua identidade masculina, encenando formas de

manifestação da violência, de desejo pela aventura e pelo risco, dentro de uma performance que reforça a visibilidade de seus atributos de macho. Podemos afirmar, assim, que o lazer se constitui em um veículo de reprodução de modelos de feminilidade e masculinidade.

Por fim, é preciso colocar que este texto foi uma tentativa de se ler os dados disponibilizados por determinadas pesquisas, sendo necessário a realização de mais estudos sobre o lazer para as mulheres que se consideram ‘Do lar’, bem como para aquelas que realizam atividades de remuneração fora de casa e as relações entre esta modalidade de tempo (lazer) e o mundo social e cultural destas mulheres no meio rural.

Abstract

Gender social relationships in the country side: the country woman and leisure in the beginning of XXth century in Brazil

This study presents a view on leisure of women in the rural environment in Brazil. With this intuit, an incursion was realized in the literature concerning the leisure study, the ethnography on the country and on woman work in the rural environment and the context of the discussion about gender. Data from the National System on Gender Information and from the Gender, Work and Family research were used to base our observations. In this first approximation was possible to conclude that there are several different possibilities back to the women and men leisure at the rural environment that doesn't change through generations. Before doing a time, or a product to be bought, leisure is lived in the day-by-day, between the work, in the family relationships and in the community.

UNITERMS: Women; Leisure; Rural environment.

Notas

1. Grifo dos autores. No campo das políticas públicas de desenvolvimento rural, um “**job market**” representa uma atividade adicional que acontece dentro da propriedade rural, e que cria uma nova fonte de emprego e renda em áreas rurais. Ele se contrapõe às atividades não-agrícolas que são praticadas pela população rural, que geralmente são “**job takers**”, isto é, ocupações criadas fora das propriedades agropecuárias e que concorrem com os mesmos postos de trabalho gerados nas áreas urbanas (CAMPANHOLA & SILVA, 2002).
- 2 e 3. Grifo dos autores.

Referências

- ANDRADE, C.D. *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ARAUJO, C.; SCALON, C. (Orgs.). *Gênero, trabalho e família no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BRANDÃO, C.R. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- CARNEIRO, M.J. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n.1, p.22-55, 2001.

- CAMPANHOLA, C.; SILVA, J.G. O lazer e o novo rural. In: BRUHNS, H.T.; GUTIERREZ, G.L. (Orgs.). Enfoques contemporâneos do lúdico. Campinas: Autores Associados, 2002. p.3-24. [II Ciclo de Debates Lazer e Motricidade].
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4.ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução: Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva/ SESC, 2004.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel 82, 1992.
- FRANCO, M.S.C. **Homens livres na sociedade escravocrata**. 4.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- GOMES, C.L.; MELO, V.A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.19, p.23-44, 2003.
- HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, v.22, p.201-46, 2004.
- MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação**. 3.ed. Campinas: Papirus, 1995a.
- _____. **Lazer e humanização**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1995b.
- _____. **Estudo do Lazer**: uma Introdução. 3.ed.ampl. Campinas: Autores Associados, 2002a.
- _____. Lazer como fator e indicador de desenvolvimento regional. In: MULLER, A.; DACOSTA, L.P. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002b.
- MARIN, E.C. **O lúdico na vida**: colonas de Vale Vêneto. 148f. 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- MELO, V.A. **Animação cultural**: conceitos e propostas. Campinas: Papirus, 2006.
- MELO, V.A.; ALVES JÚNIOR, E.D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.
- PAULILO, M.I.S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.229-52, 2004.
- PIMENTEL, G.G.A. **Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no vale do Itabapoana**. 221f. 1999 Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- _____. Yes, nós temos lazer, uai! Impactos do lazer no mundo rural. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.3, n.1, p.61-71, 2000.
- _____. "É de laço e de Pó": o rodeio como festa rural. In: ROSA, M.C. (Org.). **Festa, Lazer e cultura**. Campinas: Papirus, 2002. p.75-104.
- _____. **Lazer**: fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí: Fontoura, 2003.
- PIRES, A.G.M.G. As vozes do algodão: bóias-frias e suas representações sociais de tempo livre e lazer. In: VOTRE, S. (Org.). **Imagário & representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora da Gama Filho, 2001. p. 293-313.
- SILVA, V.A. **"Eles não têm nada na cabeça..."**: jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança. 208f. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- STOLKE, V. La mujer es puro cuento: la cultura del género. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, p.77-105, 2004.
- STROPASOLAS, V.L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.253-67, 2004.
- VIANA, R. **Relações de gênero no semi-árido**: diagnóstico do território de Apodi. Mossoró: Centro Feminista 8 de março, 2003. (Cadernos 8 de março, 6).
- WERNECK, C. Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ CELAR- DEF/UFMG, 2000a.
- _____. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da Educação Física. In: WERNECK, C.L.G.; ISAYAMA, H.F. **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.
- WERNECK, C.L.G. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12., 2000, Camboriú. **Coletânea...** Camboriú: Roca/Universidade do Vale do Itajaí, 2000b. p. 77-88.

ENDEREÇO
Rafael Júnio Andrade
Departamento de Economia Rural
Universidade Federal de Viçosa
Av. P.H. Rolfs, s/n. - Campus Universitário
36570-000 - Viçosa - MG - BRASIL
e-mail: rafaefi@yahoo.com.br

Recebido para publicação: 26/11/2007
1a. Revisão: 16/06/2008
2a. Revisão: 29/09/2008
Aceito: 03/01/2009